

CLARICE LISPECTOR TRADUTORA¹

Edgar César Nolasco

Professor da Universidade Federal
de Mato Grosso do Sul
ecnolasco@uol.com.br

Intérprete sensível, Clarice é uma razão a mais para se ler essa narrativa vampiresca em que a fantasia está solta, mas a realidade espreita por trás do gótico, do terror e do rasgadamente romântico.

(Comentário feito sobre a tradução da autora de *Entrevista com o vampiro*)

A tradutora como desconstrutora

É curioso observar que, por mais que Clarice Lispector tenha “traduzido” mais de trinta livros, a crítica não deu a importância devida a tal tarefa nestes últimos trinta anos. Soma-se em importância quando se constata que a teoria da tradução, quer seja por meio de sua própria disciplina, quer seja por meio da Literatura Comparada, só tem ganhado espaço, força e consistência crítica no âmbito dos estudos da Tradução no Brasil e fora do país. Desdobra-se em importância o estudo da tarefa tradutória feita por Clarice quando se constata que tal trabalho não só alterou seu processo de criação, como vai influenciar diretamente toda sua última produção.

¹ Este ensaio sintetiza uma pesquisa maior que estamos desenvolvendo no momento, cujo projeto intitula-se precisamente “Clarice Lispector tradutora”, onde procuramos analisar como a prática tradutória da escritora alterou substancialmente seu projeto literário, bem como também não deixa de sinalizar que as condições financeiras nas quais se encontrava a intelectual Clarice Lispector devem ser consideradas na leitura crítica que se faz de seu projeto intelectual.

Antes, porém, de elencarmos as obras até agora arroladas por nós que fazem parte da tarefa de tradução/desconstrução efetuada pela escritora, vejamos de forma sucinta o que se tem dito sobre a tradução propriamente. Talvez caiba dizer que este ensaio resume uma pesquisa maior sobre a “tradução” em Clarice Lispector que prioriza dois pontos: 1) detém-se na forma como tal tarefa interferiu no processo de criação da escritora, obrigando, inclusive, a crítica a reler, rever as obras anteriores; e 2) considera que as condições financeiras do intelectual, no caso Clarice Lispector, alteram seu projeto de forma considerável, e muitas vezes à revelia do intelectual.

Mas o mais curioso em Clarice Lispector é perceber que ela não faz uma mera tradução. Ou seja, ela exerce o trabalho oficial do tradutor, com relação a algumas obras; em outros casos, ela reescreve, ou faz adaptações para atender às exigências editoriais. Mas há casos em que ela chega mesmo a assumir a autoria, como no caso de *O talismã*, obra baseada na obra original de Walter Scott.

A visada crítica de nosso ensaio centra-se na prática da tradução levada a cabo pela intelectual Clarice Lispector, entre os anos de 1974 e 1976, com a finalidade maior de perceber como ela alterou o projeto literário da escritora. Postula-se que, devido às suas condições financeiras, a escritora foi levada a traduzir tudo o que aparecia em sua frente, claro que a pedido de editores, inclusive alguns amigos dela. Desse modo, traduzindo textos dos mais diferentes gêneros e assuntos, atentamos para o fato de que sua última produção passa a sofrer significativa influência, mesmo que de forma *inconsciente*, por parte da autora. A título de ilustração, um dos melhores livros escritos à época, *A hora da estrela* (1977), nada mais é, *grosso modo*, que uma releitura, uma reescritura do livro *A rendeira* (1974), de Pascal Lainé, traduzido por Clarice em 1975. Além dessa contaminação transferencial, que pode ser detectada até com uma certa facilidade, o que só reforça o não entendimento do fato de a crítica feita a escritora ainda não ter se voltado para o referido assunto, surge daí uma questão não menos importante: trata-se de discutir se as condições econômicas pelas quais passa o intelectual em sua vida acabam interferindo significativamente em sua produção, como postulamos ter ocorrido com Clarice Lispector à época. Neste caso, entendemos que a referida tradução “obrigada” vai alterar o próprio projeto até então persistente, pondo, inclusive, a produção recente em diálogo crítico com a posterior. Desse modo, entendemos também que estudar Clarice Lispector como “Tradutora” é buscar compreender um lado de seu projeto intelectual que não foi ainda devidamente discutido pela crítica.

A tradução como diferença da desconstrução

Os estudos sobre a tradução têm mostrado que a sua teoria e prática tornaram-se, cada vez mais, uma forma de se pensar não só a relação entre as línguas, como também as relações entre culturas. Por conseguinte, os estudos contemporâneos, quer seja do âmbito da Literatura Comparada, quer seja da

própria disciplina Tradução, voltaram-se para a inter-relação entre os povos, detendo-se, principalmente, nas aproximações, diferenças e desconstruções operadas nas relações interculturais. Registre-se que a disciplina Literatura Comparada, no Brasil e América Latina, principalmente, contribuiu sobremaneira para o avanço dos Estudos da Tradução, sobretudo quando esteve voltada para o diálogo crítico-comparativo entre as literaturas nacionais, priorizando aí questões voltadas para dependência cultural, nacionalismo e apropriações culturais. No Brasil, há todo um histórico da tradução enquanto disciplina, haja vista os estudos pioneiros de Haroldo de Campos que mostraram, de forma inovadora e criativa, que a prática da tradução é na verdade uma prática de transcrição. Prática essa levada a cabo não só por nossos escritores, como o próprio poeta concretista, mas também pela crítica brasileira, na medida em que se apropriava das teorias importadas. No caso específico de um intelectual brasileiro, penso que Clarice Lispector partilha, na prática, da teoria de trans/criação de Campos, ao transcrever para a nossa língua quase 30 livros estrangeiros, e isso somente na década de 70, mais precisamente entre os anos de 74 e 76. Tal trabalho de transcrição não foi, mesmo que se tenham passado 30 anos, estudado pela crítica, o que por si só já antecipa a relevância que move a leitura deste ensaio bem como o projeto que o ancora.

A tradução, que não mais é, *grosso modo*, do que uma prática das diferenças entre línguas, entre povos e entre culturas, pode ser comparada à *desconstrução* derridaiana, na medida em que ambas tratam da questão *diferencial* que se impõe na significação (tradutória).

Nesse sentido, vale a pena transcrever uma passagem de Derrida, do texto “Carta a um amigo japonês”, na qual o filósofo propõe explicar ao amigo japonês as (im)possibilidades da tradução mesma da palavra desconstrução. O interessante é que ao fazer isso, Derrida vincula para sempre a palavra desconstrução à palavra tradução:

(...) tentar ao menos uma determinação negativa das significações ou conotações que devem ser evitadas se *possível*. Então, a questão seria: o que a desconstrução não é? ou, melhor dizendo, o que deveria não ser? Sublinho essas palavras (“possível” e “deveria”). Pois, se podemos antecipar as dificuldades de tradução (e a questão da desconstrução é também de um lado a outro a questão da tradução e da língua dos conceitos, do *corpus* conceitual da metafísica dita “ocidental”), não se deveria começar por acreditar, o que seria ingênuo, que a palavra “desconstrução” é adequada, em francês, a alguma significação clara e unívoca. (*Apud* Ottoni, 2005, p. 11-12).

Com base no que afirma Derrida, Ottoni observa que “tradução e desconstrução caminham juntas e se (con)fundem em alguns momentos para revelar o mistério da significação, e, se levarmos ao

extremo, podemos fazer de uma o sinônimo da outra” (OTTONI, 2005, p. 12). Ou seja, ao falar ao amigo da impossibilidade de se traduzir a palavra *desconstrução* e ao mesmo tempo traduzindo-a, Derrida mostra como uma palavra *é substituível por outra numa mesma língua ou entre uma língua e outra, numa cadeia* de substituições evidenciando e praticando a diferença (C.f. OTTONI, 2005, p. 12).

Enfim, a possibilidade para a *desconstrução* como tradução e vice-versa para Derrida se daria quando “uma outra palavra (a mesma e uma outra) *se encontrasse ou se inventasse* em japonês para dizer a mesma coisa (a mesma e uma outra), para falar de desconstrução e para conduzi-la para um outro lugar, escrevê-la e *trancrevê-la*” (Apud OTTONI, 2005, p. 12).

Do nosso ponto de vista, aí se instaura e se conceitua exatamente o que Derrida veio a chamar de *diferença*. Isto é, ressalvadas as possíveis diferenças que podem haver, ao ler o outro na tradução em sua diferença, lê-se também a si mesmo como um outro; o que equivale a dizer que ocorre aí uma apropriação do alheio que permite uma transcrição (transconhecer, re-conhecer) de si *próprio*. Entre o próprio e o alheio, um e o outro, dentro e fora, se estabelece um gesto transferencial, que resulta no que podemos chamar de tradução, de desconstrução, e que permite uma *transmutação* dos corpos, das línguas e das culturas.

Antecipando o que preside nosso *objeto* de análise neste ensaio, reiteramos que é exatamente o que acabamos de dizer que sustenta toda a prática tradutória da intelectual Clarice Lispector. De forma sucinta, entendemos que a escritora não faz apenas uma tradução, logo não exerce apenas o lugar de um tradutor de línguas; antes, pelo contrário, pensa a palavra naquele ponto onde ela *se re-encontra, se reinventa*, conduzindo-a, ainda, à uma *transcrição* autoral “própria” de Clarice Lispector. Mas deixemos nosso objeto para depois e voltemos à teoria da tradução.

Entendemos que se soma à teoria da tradução como desconstrução a teoria da tradução crítica como transcrição trabalhada por Haroldo de Campos, principalmente o que é discutido no texto “Da tradução como criação e como crítica” (CAMPOS, 1992, p. 31), como já sugere o título. Exemplo maior talvez seja a transcrição efetuada pelo poeta brasileiro da obra *Blanco*, de Octavio Paz, aqui chamada de *Transblanco*. Por falar em Paz, lembramos que o poeta e crítico mexicano desenvolveu toda uma teoria da tradução, como mostra o livro *Traducción: literatura y literalidad*. Não por acaso, registre-se que há um diálogo crítico-comparativo consistente no Brasil sobre a relação crítica entre Campos e Paz que tem contribuído sobremaneira para se pensar sobre a tradução no âmbito da América Latina.

Pensando especificamente no campo da Literatura Comparada e como ela articula a teoria da tradução numa perspectiva comparativista, chamamos a atenção para dois textos teóricos sobre o assunto. O primeiro trata-se do texto de Eneida Maria de Souza, intitulado “Tradução e intertextualidade”, que se encontra no livro *Traço crítico*. No texto, Souza mostra-nos como a teoria da tradução

chegou ao campo da teoria literária. Embasada principalmente no que postula Haroldo de Campos, Souza chama a atenção para o fato de que a tradução está inerentemente amarrada à tradição cultural. Também não deixa de esclarecer que tradução e antropofagia são intrínsecas, ou seja, estudar a tradução é também uma forma de se estudar como uma cultura, um texto alheio traduzido contamina o outro. A autora deixa claro que a teoria da tradução, a começar pelo título do artigo, demanda e reforça a prática de uma visada transdisciplinar e transcultural exigida pela Literatura Comparada e depois pelos Estudos Culturais.

O segundo texto é o de Tânia Franco Carvalho, intitulado “Tradução e recepção na prática comparatista”, último ensaio do livro *O próprio e o alheio*. Totalmente centrada numa perspectiva comparatista, Carvalho discute a tradução como criação literária (Campos), a tradução como um outro texto, mostra a relação direta entre tradução e Literatura Comparada, discute a relação entre tradução e tradição para, num último momento do texto, aproximar a prática da tradução de uma prática comparatista. Enfim, o ensaio de Carvalho resume de forma feliz o que de melhor se pensou no Brasil na última década sobre a importância da tradução no campo da Literatura Comparada.

Além dos teóricos da tradução até aqui mencionados, mesmo que de forma sucinta, devemos fazer referência aos trabalhos consistentes efetuados por Rosemary Arrojo. Os livros da autora, *Oficina da tradução*, *O signo desconstruído* e, principalmente, *Tradução, desconstrução e psicanálise*, apresentam-se como fundamentais para qualquer articulação teórica que se faça hoje no Brasil sobre o assunto. O último livro elencado acima, por sua vez, apresenta uma articulação teórica da tradução, diríamos, transdisciplinar, posto que discute o processo tradutório tendo por base os postulados de outras disciplinas, como a filosofia e a psicanálise. Arrojo mostra que a tarefa da tradução em busca de qualquer significado já se apresenta de forma babélica impossível, e afirma, na esteira de Derrida, que na *origem* de qualquer significado já se encontra um processo (um desejo) de tradução, de transformação do mesmo em outro.

Por falar em tradução babélica, vale a pena transcrever uma passagem de *Torres de babel*, de Derrida:

(...) a “torre de Babel” não representa meramente a multiplicidade irreduzível das línguas; ela exhibe uma incompletude, a impossibilidade de se terminar, de se totalizar, de se esgotar, de se completar algo da ordem da edificação, da construção arquitetural, do sistema e da arquitetônica. O que a multiplicidade de idiomas na realidade limita não é apenas uma tradução “verdadeira”, uma interexpressão transparente e adequada, é também uma ordem estrutural, uma coerência de construto. Há, então (traduzamos), algo como um limite interno à formalização, uma incompletude de construtura. Seria fácil e até certo ponto justificado ver aí a tradução de um sistema em construção (...) (*Apud* ARROJO, 1993, p. 56).

Se até aqui arrolamos sucintamente um referencial teórico sobre a tradução, e já entendendo que este por si só contribui para a compreensão crítica de nosso objeto de estudo, qual seja, a “tradução” feita por Clarice Lispector, agora detemo-nos tão-somente no referido trabalho tradutório como forma de mostrar sua relevância para os estudos contemporâneos, quer estes sejam clariceanos ou não.

A tradutora dos outros, a tradutora de si

Como sugere o título deste ensaio, e como já salientamos brevemente antes, trata-se da “tradução” feita por Clarice Lispector de inúmeras obras. Tal trabalho compreendeu um período curto na vida da autora, de forma mais intensa nos anos de 1975 e 1976, como forma de ajudá-la economicamente. As obras traduzidas são dos mais diversos tipos, desde obras clássicas da Literatura Universal, passando por *best-sellers*, chegando até a livros sobre como os pais devem educar seus filhos, entre outros.

A relevância do trabalho efetuado por Clarice Lispector resume-se, *grosso modo*, não só pela quantidade de obras “traduzidas”, mas também pelas práticas empreendidas: ora Clarice simplesmente “traduz”; ora faz adaptações literais; ora reescreve completamente algumas obras; ora recria com base em obra alheia. Ao agir assim, Clarice não só embaralha os processos tradutórios com os processos de criação, como subverte a noção de autoria. Enfim, mais uma vez, a prática de tradução só reforça a prática de criação como denegação nunca assumida dos possíveis amigos literários. Ou seja, se Clarice copia dos outros e não assume que os copiou em sua ficção, agora podemos dizer que ao traduzir ela copia pelo menos duas vezes: *copia o texto do outro traduzindo seu próprio texto*.

Desdobra-se em relevância quando entendemos que tais práticas efetuadas pela “tradutora” vão interferir radicalmente no seu processo de criação, como já dissemos, alterando inclusive seu projeto intelectual. Percebemos que, ao “precisar” traduzir os mais diferentes tipos de textos (altas literaturas, ficção científica, auto-ajuda, *Best-sellers*, entre outros), Clarice, valendo-se de uma relação transferencial, uma apropriação que pode ser inconsciente, incorpora tais textos, disseminando-os em sua *própria* literatura.

Dá já podermos afirmar que sua última produção, a da década de 70, sofreu influência direta de sua prática de tradução. Pelo que já constatamos, inclusive, há entre a referida produção livros como o importante *A hora da estrela*, que não deixa de ser uma *tradução reescrita* do livro *A rendeira* (1974), de Pascal Lainé. Neste caso, o fato de Clarice ter traduzido o livro francês pode ter sido o desencadeador de toda a história resultante no livro *A hora da estrela*. Não é por acaso que Jayme Salomão, ao comentar a tradução, diz que esta “(seria melhor dizer recriação) encontrou em Clarice Lispector o nome mais adequado para recuperar, à altura do original em nossa língua, toda força e beleza do texto francês” (Salomão, na orelha do livro).

Apesar de a crítica brasileira não ter se dedicado à tradução feita por Clarice Lispector até o momento, como já salientamos, não estamos propondo deter-nos na tradução operada por ela propriamente dita, mas, sim, e principalmente, na forma como as obras “traduzidas” vão interferir alterando radicalmente o projeto da intelectual. Para tanto, entendemos que a teoria da tradução por nós antes esboçada nos ajudará a entender como se deu tal alteração. Na verdade, ao deter nossos estudos em tais práticas efetuadas pela escritora brasileira, estamos querendo também discutir como a “condição econômica” de um intelectual pode alterar substancialmente seu projeto esteticamente, como foi o que suspeitamos ter acontecido com a intelectual Clarice Lispector.

Postulamos que as obras publicadas por Clarice Lispector na década de 70, como os livros *A hora da estrela* (1977), *A via crucis do corpo* (1974), *Onde estivestes de noite* (1974), *Um sopro de vida* (1978), *A bela e a fera* (1979), *A vida íntima de Laura* (1974), *Quase de verdade* (1978), *Visão do Esplendor: impressões leves* (1975) e *De corpo inteiro* (1975), sofreram influência direta dos livros traduzidos por ela. Como se pode ver nas obras apontadas a seguir, a “tradutora” Clarice Lispector assume uma autoria múltipla e descentrada com relação às obras alheias. Há inúmeras obras realmente traduzidas por ela; há obras adaptadas; há obras traduzidas e adaptadas; há obras selecionadas e reescritas; há obras baseadas na obra original; há obras em português da autoria de Clarice Lispector, entre outras *formas de tradução* como desconstrução que autenticam uma suposta autoria clariceana com relação às obras *apropriadas* em língua portuguesa. Daí pensarmos que toda aquela atmosfera de mistério, de ficção científica, de fantástico, de literatura best-seller, literatura de massa, literatura de auto-ajuda, alta literatura, literatura pornográfica e afins que ronda a última produção da autora, ter sido gerada por conta dos seguintes livros “traduzidos” por ela e já arrolados por nós:

- 1 LAINÉ, Pascal. *A rendeira*. Trad. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- 2 FARRIS, John. *A fúria*. Trad. de Clarice Lispector. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- 3 LESSING, Doris. *Memórias de um sobrevivente*. Trad. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.
- 4 BARJAVEL, René. *A fome do tigre*. Trad. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Artenova, 1973. (?)
- 5 MENNINGER, Karll. *O pecado de nossa época*. Trad. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- 6 SWIFT, Jonathan. *Viagens de Gulliver*. Adap. de Clarice Lispector. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- 7 VERNE, Julio. *A ilha misteriosa*. Adap. de Clarice Lispector. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

- 8 BERGERON, Dr. G. e TH. *Ensinando amor às crianças*. Trad. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.
- 9 POE, Edgar Allan. *Histórias extraordinárias*. Trad. e Adap. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- 10 *O gato preto e outras histórias de Allan Poe*. Seleccionadas e reescritas por Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Ediouro, 1963.
- 11 FILDING, Henry. *Tom Jones*. Adap. de Clarice Lispector. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- 12 CHAGAL, Bella. *Luzes acesas*. Trad. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.
- 13 KAZANTZAKIS, Nikos. *Testamento para El Greco*. Trad. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1975.
- 14 MARCHETTI, Victor. *O dançarino na corda bamba*. Trad. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- 15 Biblioteca de seleções. Seleções do Reader's Digest. *Eptáfio para um inimigo*. Condensação do livro de George Barr. Trad. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Editora Ypiranga, (s.d.).
- 16 LISPECTOR, Clarice. *O talismã*. (Baseado na obra original de Walter Scott). Rio de Janeiro: Ediouro, 1970.
- 17 ABRAHAMS, Jean-Jaques. *O homem do gravador*. Trad. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1978.
- 18 ARSAN, Emmanuelle. *Novelas da Erosfera*. Trad. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1975.
- 19 _____. *A hipótese de Eros*. Trad. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1975.
- 20 LONDON, Jak. *Chamado selvagem*. Texto em português de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Ediouro, 1970.
- 21 CHRISTIE, Agatha. *Cai o pano*. Trad. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Record, 1975.
- 22 RICE, Anne. *Entrevista com o vampiro*. Trad. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- 23 WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Texto em português de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Ediouro, 1974.
- 24 WILLIAMS, Gordon M. *Sob o Domínio do Medo*. Trad. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Record, 1969.

- 25 CRAVEN, Margaret. *Ouvi a Coruja Chamar Meu Nome*. Trad. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.
- 26 WESTMACOTT, Mary. *A Carga*. Trad. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- 27 _____. *O retrato*. Trad. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (s.d.).
- 28 GENSHAW, Mary Ann. *A Receita Natural para Ser Super Bonita*. Trad. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

Referências Bibliográficas

- ARROJO, Rosemary. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993.
- _____. *Oficina de tradução – a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1992.
- _____. *O signo desconstruído*. Campinas: Pontes, 1992.
- _____. In.: JOBIM, José Luis (Org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992. p. 411-442: Tradução.
- CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 31-48. Da tradução como criação e como crítica.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. p. 217-259: Tradução e recepção na prática comparatista.
- CESAR, Ana Cristina. *Escritos da Inglaterra*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.
- DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Trad. de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMS, 2002.
- _____. In.: OTTONI (Org.). *Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 21-27: Carta a um amigo japonês.
- _____. In.: OTTONI, (Org.). *Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 155-174: Teologia da tradução.
- GLENADEL, Paulo e NASCIMENTO, Evando (Orgs.). *Em torno de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- NOLASCO, Edgar César. *Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura*. São Paulo: Annablume, 2001.

_____. *Restos de ficção: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector*. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. *Caldo de cultura: a hora da estrela e a vez de Clarice Lispector*. Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2007.

_____. (Org.). *Espectros de Clarice: uma homenagem*. São Carlos – SP: Pedro & João Editores, 2007.

OTTONI, Paulo (Org.). *Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

_____. *Visão performativa da linguagem*. Campinas: Editora Unicamp, 1998.

_____. *Tradução manifesta: double bind & acontecimento*. São Paulo: Edusp; Campinas: Editora Unicamp, 2005.

_____. *Traduzir Derrida: políticas e desconstruções*. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

PAZ, Octavio. *Traducción: literatura y literalidad*. Barcelona: Tusquets Editor, 1971.

REVISTA CERRADOS. Publicação do Departamento de Teoria Literária e Literaturas, número organizado por Álvaro Faleiros e André Luís Gomes. Ano 16, n. 23 (2007). Brasília, 2007. Tradução de obras francesas no Brasil.

SELIGMANN – SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre a memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.

SOUZA, Eneida Maria de. *Traço crítico*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993. p. 35-41. Tradução e intertextualidade.

Recebido em 3 de agosto de 2007

Aceito em 4 de outubro de 2007